

ENTREVISTA

SENADOR JEFFERSON PÉRES

Como é que o senhor vê hoje a crise no Legislativo?

É uma das crises mais graves que o Senado já viveu, porque envolve o presidente da Casa. Na época do Jader Barbalho — quando também presidia o Congresso —, ele acabou se afastando do cargo. Isto fez com que a imagem da instituição não se desgastasse tanto. Mas Renan teima em permanecer e isto é um fator de agravamento. Este é um momento em que a classe política está em baixa. A população vê com muita restrição os políticos de hoje em dia, de forma em geral. A impressão que se passa para a sociedade é de que os políticos não passam de um bando de aproveitadores.

Esta é a forma como o senhor acha que a sociedade está vendo o Congresso?

Recebo dezenas de e-mails aqui no gabinete de pessoas reclamando da politicagem e da corrupção. Como são e-mails, isto poderia caracterizar que é o sentimento da classe média. Mas sinto também a indignação da população no contato direto nas ruas. Estive em Belo Horizonte e as pessoas me abordaram na rua para dizer o quanto estão indignadas com o que está acontecendo hoje no Senado e que estão desacreditadas nos políticos.

O senhor acredita que Renan devia ter se licenciado antes do turbilhão de acusações que agora, mais do que nunca, pesam sobre ele?

Creio que Renan não se afastou da presidência até agora para ter uma influência direta ou indireta no Conselho de Ética. Acho que foi um erro. Ele passou exatamente a imagem de que teria medo de se afastar do cargo e perder poder perante os senadores. Isto está causando uma série de constrangimentos, até mesmo para aqueles que antes o apoiavam. Todos estão cada vez mais incomodados com a sua permanência na presidência. Isto deveria constar no Regimento Interno do Senado: se o presidente é investigado pelo Conselho de Ética, ele deveria se licenciar do cargo. Tinha que ser automático.

O senhor acredita que Renan consegue se manter no cargo?

Ele teve um apoio forte da base governista, com exceção do PDT, que sempre teve uma posição de independência. Não sei por que os partidos da base governista tomaram esta posição de ampla defesa dele, tentando a todo custo inocentá-lo. Não vejo isto como uma disputa entre governo e oposição. Só queremos a verdade. Saber se o senador Renan se utilizou de empreiteiras para pagar contas pessoais e agora saber se ele utilizou "laranjas" para a aquisição dos veículos de comunicação. Pouco importa se ele é do governo e o que isto afeta no governo. A instituição do Senado é que está em jogo. Além da sociedade toda clamar pela apuração da verdade. Se ele fosse da oposição também agiríamos assim.

Como é que o senhor vê a atuação do Conselho de Ética do Senado no caso Renan?

No começo foi muito tumultuado. Foi até vexaminhosa aquela tentativa, no início, de arquivar o processo contra Renan. Espero agora que o caso seja encerrado o mais breve possível. Mas agora vêm mais outros dois processos contra ele: a denúncia de ter utilizado "laranjas" para comprar rádios em Alagoas e a outra representação de que Renan supostamente teria beneficiado a cervejaria Schincariol. Este processo pode até ser arquivado, mas o dos "laranjas", não. Tem que ser investigado; as denúncias são muito sérias.

E a obstrução iniciada pela

LÍDER DO PDT RECLAMA QUE O LEGISLATIVO ATUALMENTE É UM SUBPODER E QUE OS POLÍTICOS NÃO ESTÃO DISPOSTOS A ABRIR MÃO DAS BENESES QUE AUFEREM

"O foro privilegiado gera impunidade. Isto desencanta"



Manuela Borges

Defensor ferrenho da ética na política, o senador Jefferson Péres (PDT-AM) diz que a crise institucional vivida hoje pelo Congresso é a mais grave de todos os tempos. Acredita que quanto mais o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), insistir em se manter no cargo, mais o Legislativo se desgastará. Para combater o sistema corrupto e caduco que vigora, segundo Péres, é fundamental estabelecer na Reforma Política a lista fechada de candidatos e o financiamento público de campanha. Assim se acabaria com a barganha e a troca de favores na gestão pública. Péres considera que os parlamentares têm benefícios absurdos e, por isso, prega o fim do foro privilegiado. Critica o governo Lula pela falta de ética e complacência com a corrupção e se diz desencantado com a política. Peres promete encerrar a carreira no Congresso depois deste mandato, mas avisa que enquanto tiver força, continuará bradando contra os problemas do País. Quer dizer: jamais será omissos.

bancado do DEM e do PSDB para forçar a saída de Renan Calheiros da presidência? O PDT vai aderir ao protesto?

Eu liberei a bancada, mas farei a obstrução. Fui o primeiro a pedir para que o presidente Renan se afastasse do cargo, mas ele não me ouviu.

Como o senhor avalia este primeiro semestre legislativo de 2007?

Votaram-se algumas matérias a duras penas. Poderíamos ter sido muito mais produtivos. Diga-se de passagem que o excesso de medidas provisórias editadas pelo Executivo também atrapalhou e muito o processo legislativo. Mas,

Isto está causando uma série de constrangimentos.

Todos (os senadores) estão cada vez mais incomodados com a permanência (de Renan Calheiros) na presidência

o grande culpado mesmo é o Congresso, que não corrige isto, que não regulamenta de vez a edição das MPs para torná-las como deveriam ser: excepcionais. Este mecanismo está banalizado. Quem legisla hoje é o Poder Executivo. O Legislativo é um subpoder. Estamos perdendo uma das nossas principais atribuições — se não for a principal — que é de legislar.

Como o senhor avalia o Governo Lula?

Como qualquer outro governo, pelos acertos e erros. O grande acerto do Governo Lula foi manter a política macroeconômica do Fernando Henrique Cardoso. Lula teve a lucidez e a coragem,

enfrentando até resistências dentro do PT, de manter a política econômica com o Palocci à frente. Foi isso que salvou o Governo Lula. O que eu vou dizer é paradoxal: por incrível que pareça, o grande responsável pela reeleição do Lula chama-se Henrique Meirelles. Se Lula não mantivesse esta política, seria o completo des-trambelhamento da economia. A inflação teria tomado o freio dos dentes e o Lula não teria se re-eleito. A política social, embora socialista, beneficiou um grande número de brasileiros. Acho que este tipo de política peca um pouco por não fazer a inclusão social, capacitar estas pessoas. De qualquer forma, tirou muita gente da linha da miséria. Isto é positivo.

E os pontos negativos?

O campo ético do Governo Lula falhou muito. Houve uma tolerância com a corrupção dentro e fora do Governo. O PT perdeu sua grande bandeira, que era da moralidade. E se quiser recuperá-la, vai demorar um tempo. O grande problema é que o presidente Lula nunca me passou a idéia de indignação com a corrupção. Foi isso que ele ficou devendo à sociedade.

O PDT vota a favor da prorrogação da CPMF?

O PDT é o partido mais barato para o Governo. É independente, crítica e, às vezes, vota contra. Mas no momento decisivo, que realmente interessa, como a prorrogação da CPMF e da DRU, o PDT vota a favor porque acha indispensável a prorrogação destes tributos para manter o equilíbrio das contas públicas. Sem a prorrogação da CPMF e da DRU, a governabilidade sofrerá uma implosão. E para votar a CPMF não queremos liberação de emendas individuais e nem cargos, como fazem os outros partidos. Mas, ao meu ver, o Governo deveria apresentar um escalonamento de redução gradual da alíquota da CPMF até extingui-la.

O senhor acredita que o sistema como está hoje facilita a corrupção?

O modelo atual está esgotado. Só se elege quem tem dinheiro e poder ou então a máquina na mão. Quem se elege sem isto, são exceções como eu. A regra é assim, de vereador até presidente da República. Há fisiologismo entre Executivo e Legislativo em todos os planos, federal, estadual e municipal. Há uma inesgotável troca de favores entre vereadores e prefeitos, congressistas e governo. É uma barganha indecorosa.

O senhor é a favor do foro privilegiado dos parlamentares?

Sou totalmente contra. Só quem deveria ter este privilégio é o presidente da República e os ex-presidentes, que não podem se expor a desejo de 15 minutos de fama de qualquer juiz ou promotor. O foro privilegiado acaba gerando impunidade. Mas é difícil acabar com este privilégio aqui no Congresso. É isto que desanima na política. Isto desencanta.

O que seria uma Reforma Política ideal para o senhor?

No plano eleitoral são pelo menos quatro medidas, sendo que uma depende da outra. Lista fechada de candidatos, voto distrital, financiamento público de campanha e fidelidade partidária. Já temos a cláusula de barreira. Além disso, a Reforma deveria ser complementada com medidas no plano administrativo. Como, por exemplo, implantar o orçamento impositivo — sem contingenciamento governamental. Obriga, assim, a liberação de todas as emendas automaticamente. Isso evitaria a barganha política. Além da redução de 80% dos cargos comissionados, que acabaria com a troca de favores por cargos. Se não fizermos isto, nunca haverá uma República.